

## RÉPLICA

PAULO HENRIQUES BRITTO

Em seu artigo “O tradutor ‘invisível’ por ele mesmo: Paulo Henriques Britto entre a humildade e a onipotência”, Rosemary Arrojo destaca o que lhe parece ser uma contradição minha, numa entrevista publicada no caderno *Mais! da Folha de S. Paulo* (concedida a Maurício Santana Dias, 27 de fevereiro de 2000). A certa altura da entrevista, faço a seguinte afirmação: “No momento em que estamos traduzindo, temos de abrir mão da idéia de autoria. Se eu acho que o livro está mal escrito, tento escrever o pior possível. Enfim, o tradutor tem de ser humilde”. Comentando essa passagem da entrevista, Arrojo observa que desse modo eu estaria afirmando minha crença “na possibilidade da invisibilidade como opção consciente do tradutor”, e acrescenta:

Como qualquer tradutor, que tenha, ou não, como meta e como princípio ético a transparência, ou a invisibilidade, Britto inescapavelmente deixa nos textos que traduz as marcas de seu “sotaque brasileiro” [que] é, inegavelmente, também o sotaque carioca de Paulo Henriques Britto, um sotaque típico de sua geração, de suas circunstâncias, um sotaque que, ao se incorporar aos textos que traduz também os marca com os sinais de seu tempo.

Conclui Arrojo:

Paradoxalmente, ao supor que lhe seja possível optar por não imprimir “sua marca autoral no texto traduzido”, Britto não estaria sendo exatamente “humilde”, como pensa e como recomenda. Na verdade, ao imaginar poder optar entre deixar, ou não, de interferir no original, não estaria o tradutor sonhando com uma onipotência sobre-humana que pudesse defendê-lo, e a seu trabalho, de suas circunstâncias sociais, temporais, psicológicas e ideológicas, e imortalizar suas traduções como versões definitivas do texto estrangeiro?

Minha contradição estaria, portanto, em afirmar por um lado que a postura do tradutor requer humildade, e por outro acreditar que é “possível optar por não imprimir ‘sua marca autoral no texto traduzido’”, o que seria uma fantasia de onipotência.

Porém em que trecho da entrevista eu afirmo que acredito ser possível não deixar marca autoral no texto traduzido? Tudo que digo é que “se eu acho que o livro está mal escrito, tento escrever o pior possível.” Em outras palavras: tento reproduzir da melhor maneira possível as características que identifico no original. Isso não implica que eu acredite ser possível uma transparência completa, muito menos que julgue atingir essa meta no meu trabalho. E, de fato, não acredito em nenhuma das duas coisas; minha posição é de humildade, sem onipotência. A meu ver, devemos ter a transparência por meta, embora a meta seja inatingível. É a posição que defendo em vários textos já

publicados, em que a questão é discutida bem mais a fundo do que seria possível numa breve entrevista a um suplemento cultural.<sup>1</sup>

Aparentemente, Arrojo parte do pressuposto de que dizer que se tem uma determinada meta implica acreditar que ela é atingível. Se afirmo que minha meta como tradutor é a invisibilidade, estou afirmando que é possível o tradutor ser invisível. À primeira vista, o pressuposto parece razoável; porém basta uma reflexão breve para perceber que ele não se sustenta. Um cirurgião declara que sua meta é tornar a sala de operação a mais asséptica possível. Esse cirurgião estará afirmando, de modo onipotente, que na sua sala de operação existe assepsia perfeita, com ausência absoluta de microorganismos? Outro exemplo, também da área da medicina: se um médico diz que tenta prolongar ao máximo a vida de seus pacientes, ele está necessariamente professando sua crença na possibilidade de tornar seus pacientes imortais? Exemplos semelhantes poderiam ser multiplicados. No meu entender, a transparência ou invisibilidade é uma meta ideal a que deve tender o trabalho do tradutor, embora seja inatingível. Para concluir com um exemplo tomado emprestado a Clifford Geertz,<sup>2</sup> afirmar que, dada a impossibilidade da transparência absoluta, devemos fazer questão de deixar marcas bem visíveis no nosso trabalho “é o mesmo que dizer que, como é impossível um ambiente perfeitamente asséptico, é válido fazer uma cirurgia no esgoto”.

---

<sup>1</sup> Ver, em particular, “O lugar da tradução”. In Candido José Mendes de Almeida *et al.* (orgs.), *O livro ao vivo*. Rio, Centro Cultural Candido Mendes/IBM Brasil.

<sup>2</sup> GEERTZ, Clifford (1978). *A interpretação das culturas*. Trad. de Fanny Wrobel. Rio, Zahar, p. 40. Na verdade, Geertz está citando outro autor, Robert Solow. Utilizo esse mesmo exemplo no texto referido na nota 1.